

Geometria e desenho: como ensiná-los em tempos de escola nova, segundo a Revista do Ensino de Minas Gerais?

Débora Rodrigues Caputo¹

Escola Estadual Professor Quesnel

Nicolly Peçanha do Nascimento Silva²

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro

Maria Cristina Araújo de Oliveira³

Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: Este artigo tem por finalidade analisar indicações e propostas para o ensino de Desenho e Geometria no ensino primário durante os anos de 1928 e 1929, utilizando como fontes Revistas do Ensino de Minas Gerais. Nesse período surgiram as novas tendências *escolanovistas*, que estiveram no centro de reformas educacionais tanto no ensino primário, quanto normal. A análise dos artigos que veiculavam aulas modelo revelou o destaque dado aos centros de interesse propostos pelo pedagogo Decroly. Em termos de conclusão pode-se dizer que as propostas veiculadas no período resultam de uma mistura de antigas práticas, calcadas no método intuitivo baseadas na observação de coisas, que foram reinventadas procurando incorporar as discussões sobre a motivação e o interesse das crianças, deslocando o centro da aprendizagem – do conteúdo para o aluno. Observa-se também a independência dos saberes geométricos e de desenho, tendo o último um papel mais destacado por se relacionar com o desenvolvimento de formas de expressão da criança. A Geometria deveria ser estudada a partir do exame de formas de objetos e frutas presentes no cotidiano dos alunos.

Palavras-chave: Desenho. Geometria. Ensino Primário. Revistas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta e analisa propostas de aulas modelo envolvendo saberes de geometria e de desenho para o ensino primário, veiculadas na Revista do Ensino de Minas Gerais entre 1928 e 1929. Nesse período o estado, por meio de reformas educacionais, procurou renovar o ensino primário e normal incorporando as tendências *escolanovistas* de origem americana e europeia.

No Brasil, o movimento *escolanovista* resultou também de circulação de um ideário internacional. Pode ser caracterizado por duas fases: a primeira na qual se dá o início das discussões sobre a aprendizagem das crianças, sem, contudo, fazer parte do cotidiano escolar brasileiro e a segunda, nos anos 1920, quando o movimento se difunde e se firma, concretizando-se nos projetos de reforma então empreendidos em várias regiões do país.

¹Débora Rodrigues Caputo, Prof. da Escola Estadual Professor Quesnel, Mestranda do PPG em Educação Matemática, UFJF, Email: dercaputo@yahoo.com.br

²Nicolly Peçanha do Nascimento Silva, Prof. da rede pública de ensino da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Mestranda do PPG em Educação Matemática, UFJF, Email: nicollypecanha@yahoo.com.br

³Maria Cristina de Araújo de Oliveira, Prof. Dep. Matemática e do PPG em Educação Matemática, UFJF, Email: mcrisoliveira6@gmail.com

O movimento respondia também a um propósito de renovação dos anseios republicanos, recheados de um sentimento de criação de uma identidade nacional na qual a educação possuía um papel central. Nesse contexto, a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova parece sintetizar os anseios de uma *intelligentsia* brasileira que anunciava a educação nova como via possível para a reconstrução da nação, documento que auxiliou, aliás, a construção do capítulo II da Constituição Federal de 1934 – Da Educação e da Cultura. (MONARCHA, 2009).

O *escolanovismo* brasileiro foi também marcado pela produção das ciências da educação, apoiadas nos conhecimentos estatísticos, biológicos, psicológicos, médico-pedagógicos. Muitas instituições educativas foram criadas com uma estrutura que acolhia laboratórios e pesquisas em psicologia, antropometria, estatística. (SAVIANI, 2009).

A CHEGADA DA ESCOLA NOVA EM MINAS GERAIS

Entre 1927 e 1928, uma série de reformas para a educação mineira foi oficializada. Em consonância com um ideário nacional da utopia da reconstrução do país via escola, que marcou o período, o presidente do estado de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, e o secretário do interior, Francisco Campos, implementaram várias inovações.

As reformas do ensino primário e normal, lideradas por Francisco Campos, entre 1927 e 1930, trouxeram para o estado as novas propostas baseadas em princípios *escolanovistas* de diferentes matrizes. A legislação nesse período traz frequentes referências aos trabalhos de Claparède, Decroly, Dewey dentre outros.

Para a implementação das novas ideias, um grupo de cinco professoras mineiras, financiadas pelo governo estadual, foi enviado aos EUA em 1927 para realizar curso no Teacher's College, da Universidade de Columbia. Entre elas a professora Alda Lodi⁴, que se especializou em Metodologia da Aritmética.

O envio de professores, com financiamento, aos EUA, foi uma prática comum nesse período. Assim ocorreu com Anísio Teixeira, em 1927, comissionado pelo governo da Bahia, e com Lourenço Filho, Delgado de Carvalho e Carneiro Leão, em 1935, entre outros.

Outra estratégia do governo mineiro foi a criação de uma Escola de Aperfeiçoamento, responsável pela formação continuada dos professores primários, regulamentada a partir de 1930 para tornar-se um pólo irradiador das reformas educacionais em curso. A professora Alda Lodi ficou responsável pela disciplina de Metodologia de Aritmética nessa instituição quando de seu retorno ao Brasil, em 1929. O curso dessa Escola tinha duração de 2 anos e estavam previstas, entre outras matérias, metodologias de cada matéria do curso primário. A aritmética era reconhecidamente destacada, mas pode-se supor que algumas orientações sobre o ensino de geometria fossem transmitidas, como aponta a

⁴Formou-se normalista em 1915 pela Escola Normal Modelo da Capital de Minas Gerais e em 1916 iniciou sua carreira docente nessa mesma instituição (FONSECA, 2010, p. 62).

pesquisa de Barros (2015), a partir da análise de documentos e manuscritos da professora Alda Lodi. Além disso, o desenho e modelagem constavam do programa nos dois anos de curso.

A REVISTA DO ENSINO DE MINAS GERAIS

A Revista do Ensino foi uma publicação oficial da Inspeção Geral da Instrução do Estado de Minas Gerais. Foi criada em 1892, mas desativada após a publicação de apenas três números. Foi relançada em março de 1925, sendo interrompida entre os anos de 1940-1946 devido à Segunda Guerra Mundial, voltando a circular até 1971 (BICCAS, 2008).

Segundo Biccás (2008), a Revista do Ensino pode ser considerada “como um dispositivo de normatização pedagógica e de ampliação da cultura educacional dos professores” (BICCAS, 2008, p. 197). Entre as décadas de 1920 e 1930 a Revista foi um importante veículo de divulgação e discussão sobre as propostas e a implementação de novas práticas a partir da influência do movimento *escolanovista*.

Para Pierre Caspard (1981), a imprensa pedagógica constitui um elo indispensável no conhecimento do sistema de ensino, “já que ela representa, por vezes, o espaço onde se desdobra e o ponto no qual se concentra todo um conjunto de teorias e práticas educativas de origem tanto oficial quanto privada.” (CASPARD, 1981, *apud* CATANI; VILHENA, 1994, p. 178).

O estudo dos periódicos educacionais fornece farto material sobre as práticas escolares do ensino de disciplinas, criando-se assim “a possibilidade de se estabelecer um dos elos da história das práticas e das disciplinas escolares.” (CATANI; VILHENA, 1994, p. 178).

DEWEY E O INTERESSE

Segundo Valdemarim (2010), John Dewey (1859-1952) começava, em 1896, uma experiência educativa com a implementação da Escola Laboratório na Universidade de Chicago, que serviria de referência para seus escritos posteriores. Foi o início da denominada Escola Nova que tem como uma das suas premissas o interesse da criança, que na obra de Dewey tem sua forma mais radical e sistematizada.

Para Dewey, “o currículo e a criança devem ser conciliados e harmonizados sem predominância de um dos polos” (VALDEMARIM, 2010, p.31). Os elementos culturais deveriam ser analisados criteriosamente, pois não ofereceriam as mesmas capacidades formativas. E que os interesses individuais das crianças deveriam caminhar juntamente com os interesses sociais.

Com as transformações políticas, econômicas e sociais, intensificaram-se os trabalhos cooperativos e coletivos gerando um núcleo socializador, uma vida em família. Nesse núcleo não há separação entre o aprender e o viver e os objetivos são comuns. O que não deveria ser

diferente na escola. A escola deveria ser integrada à sociedade usando o mecanismo da vida social como método escolar.

Dewey preconiza que todas as atividades escolares sejam baseadas no interesse da criança, a partir dele é que a vida escolar deve ser pensada. A escola deve construir as atividades adequadas a cada faixa etária, baseando-se nos quatro instintos presentes na criança: “...instinto social, ...instinto para construir,...instinto de investigação, uma combinação dos dois instintos anteriores, ...expressão artística, refinamento e junção de todos eles.” (VALDEMARIM, 2010, p.37). Nessa perspectiva, afirma que o conhecimento estaria assegurado. “O interesse infantil não é uma manifestação personalizada, mas um impulso que se manifesta de modo diferenciado no processo de desenvolvimento humano, ao qual se deve adaptar o programa escolar” (VALDEMARIM, 2010, p.38).

DECROLY E OS CENTROS DE INTERESSE

Segundo Dubreucq (2010), Jean-Ovide Decroly, nascido em meio rural numa cidade Belga, cursou medicina na Universidade de Gand, descobriu a medicina mental e afirmava a correlação dos “...fenômenos biológicos e mentais, bases biopsíquicas de todos os comportamentos” (DUBREUCQ, 2010, p.11). Em 1898 ele se instala em Bruxelas se inicia na policlínica no serviço de neurologia, no departamento das “crianças anormais e com trauma da linguagem” (DUBREUCQ, 2010, p.12). Seu contato com essas crianças gerou problematizações até que com o convite para ser o médico chefe de uma pequena clínica, em 1901, inaugurou o Instituto de ensino especial- Laboratório psicológico do Dr. Decroly, que se tornou logo uma escola laboratório. Ele começou a atender também as crianças ditas normais e comprovou a educabilidade de seus estudos nas suas duas escolas experimentais. Em 1902, Bruxelas foi a primeira cidade a adotar a metodologia decrolyana nas aulas do seu ensino regular.

Para Decroly o aprendizado da criança acontece de fora para dentro e de maneira global, ou seja, o ensino se dá a partir do todo para depois se analisar fragmentadamente e assim depois se formar outros todos. “Quanto mais o meio estimula a atividade mais estas representações desenvolvem a capacidade motoras, sensoriais, perspectivas, intelectuais, expressivas da criança.” (DUBREUCQ, 2010, p.19).

No crescimento da criança, nas reações para suprir suas necessidades essenciais como se alimentar quando tem fome ou fugir quando tem medo, uma energia é acionada e transformada em interesse.

Nós vamos propor chamar interesse o sinal interno e comum a todas as necessidades e sentimentos de um sujeito (o desejo sendo a forma consciente desse fenômeno), enquanto que a curiosidade seria o sinal externo, aparente principalmente para um observador externo, sinal esse podendo ser consciente ou inconsciente. ...Uma pedagogia do interesse potencializa então melhor do que uma pedagogia da reprodução, as motivações essenciais da criança, ao mesmo tempo em que ela libera sua criatividade. (DUBREUCQ, 2010, p.21 e 22)

A linguagem é uma forma da criança se expressar, porém, a expressão vai muito além da linguagem. Por isso, segundo Dubreucq (2010), Decroly substituiu o termo linguagem pelo termo expressão “...que compreende as atividades da pessoa, de um lado e de outro, a formulação interior pela qual cada um se apropria de qualquer informação externa” (DUBREUCQ, 2010, p.22). Por isso a linguagem, no sentido limitado da palavra, não deveria ser a única forma de expressão usada na escola. A expressão aciona o corpo, a mão, a palavra, a escrita e a arte através dos movimentos, gestos, desenhos, construção, canto discurso, leitura, códigos, pintura, música, etc. Educar o corpo através dessas expressões concretas favorece o aprendizado das “técnicas” e também das “teorias” que para Decroly não deveria ser supervalorizada. “A psicologia da afetividade identifica na imitação e no jogo das crianças fatores de maturação essenciais, que Decroly qualifica entre “instintos antecipativos”, preparando uma primeira forma de intelectualidade” (DUBREUCQ, 2010, p.34 e 35).

O interesse dos alunos é de grande importância e muito valorizado na metodologia decrolyana, isto porque para ele os alunos devem participar ativamente de sua formação, devem escolher seu objeto de estudo. Cada aluno propõe um assunto que é levado ao grupo e assim se constrói um plano de trabalho coletivo e todos os estudos são feitos a partir daí. Esses estudos serão executados através de “pesquisas, excursões, exposições, trabalhos de equipe etc.” (DUBREUCQ, 2010, p.37). Assim Decroly acredita que o aluno vê sentido no aprendizado além de favorecer o exercício mental:

A liberdade de escolha estimula o trabalho escolar. Mesmo difíceis, as aprendizagens e os exercícios ganham o seu sentido de sua utilização imediata. Eles são concebidos como instrumentos indispensáveis à procura das soluções. Frequentemente reutilizados, eles progressivamente enriquecem o instrumental mental (DUBREUCQ, 2010, p. 37).

Segundo Dubreucq (2010), engana-se quem ache que os interesses dos alunos não perpassem pelos temas de um programa de ensino. Então não se deve preocupar-se com tais questões nem submeter o interesse dos alunos a questões dessa natureza. A preocupação de Decroly estava em como atender ao interesse de todos ao mesmo tempo, visto que cada um se interessará por diferentes objetos de estudos. Assim ele se perguntou o que seria mais importante para uma criança? Qual conhecimento não poderia ser ignorado? Quais temas elas têm maior interesse? Ao problematizar tais perguntas, ele chegou à conclusão que o que mais importa para a criança é si mesma. Assim seu interesse aciona todo seu aprendizado que é estimulado pelo meio próximo em que está inserida (animais, plantas, família, escola, etc). Agora se trabalha com a realidade concreta que se apresenta no meio. A criança relaciona os objetos presentes no seu dia a dia com sua própria pessoa e em um primeiro estágio, através da comparação, identifica elementos básicos de sua sobrevivência: a alimentação, o abrigo, etc. Identifica também as necessidades psicológicas e sociais. Essas “ideias básicas” ou “centro de interesses” alavancam o aprendizado e geram um projeto. Se propõe que a criança viva em constante contato com o mundo que vai além dos muros da escola. Para isso, os projetos acima citados podem ser uma plantação, criação de animais, excursões, etc. Em um segundo

estágio, através da associação, explora-se o “centro de interesse” extraindo-se dos temas seus aspectos científicos, econômico, geográficos, literários, etc.

O papel do professor nesta perspectiva de ensino não é mais o de um detentor único do saber. O aluno através na manipulação de materiais concretos é colocado junto ao professor na aquisição do conhecimento. O professor não é mais o centro do processo de ensino e aprendizagem.

Para Decroly, segundo Dubreucq (2010), um dos objetivos da escola seria a preparação do indivíduo para obter sucesso na vida. “O que se chamou o método Decroly não tem, na verdade, o caráter habitual de um método; [...] ele não é imóvel e perfeito. (Congresso de Elsenour, 1929)” (DUBREUCQ, 2010, p.28). A vida não é imóvel e perfeita.

A GEOMETRIA E O DESENHO NA REVISTA DO ENSINO – 1928 E 1929

Entre 1928 e 1929 encontramos 9 publicações da Revista do Ensino envolvendo artigos sobre Geometria ou Desenho. A Geometria aparece em somente duas publicações. Em 1928 foram publicados quatro artigos, sendo um de Geometria, dois de Desenho e um deles tratando dos centros de interesse com propostas específicas para o ensino de Geometria e de Desenho.

O primeiro deles apareceu na Revista de número 26 sob o título “Diário de Classe - Duas lições do 4º ano primário”, por Maria Ignacia de Queiroz Miranda (Professora da 4ª classe anexa à Escola Normal de Ouro Fino). Não apresenta como tema o centro de interesse e sim uma aula de observação. (REVISTA DO ENSINO, n. 26, 1928, p. 24-25). A aula de geometria corresponde a um modelo de preparação da aula do professor, cujo tema é Quadriláteros Regulares. Utilizando objetos para a observação, o professor cria um diálogo com os alunos, que consiste em perguntas elaboradas sobre as propriedades do quadrilátero, como medidas de lados e medidas de ângulos. E os alunos, respondem oralmente tais perguntas. Com esse diálogo os alunos vão descobrindo e formando as definições, utilizando também o grau de comparação entre os objetos, para depois se chegar à classificação dos quadriláteros. Nesta aula, os alunos não manipularão os objetos, somente irão observá-los; seguindo ainda o método intuitivo.

Mais um artigo, nesta mesma revista, sob o título “Methodos peculiares a cada matéria – Calculo, Arithmetica e Geometria”⁵, apresenta o ensino de geometria desenvolvido pelo método intuitivo e não, pelo centro de interesse. (REVISTA DO ENSINO, n. 26, 1928, p. 38). São instruções metodológicas para o professor na preparação de suas aulas. O professor ao ensinar o conteúdo proposto deve se limitar ao cálculo, a prática e aos exercícios. Só deverá levar a teoria aos seus alunos se esta favorecer a crença dos cálculos, ou seja, para tornar os cálculos mais aceitáveis. O professor não pode passar uma aula se quer sem resolver exercícios, pois só assim estará desenvolvendo o raciocínio prático do aluno.

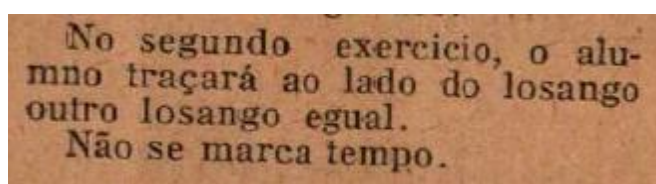
⁵Não há indicação da autoria do texto.

O terceiro artigo consta da Revista de número 27. Na *Secção do Centro Pedagógico Decroly* sob o título *Testes colectivos* no subtítulo *provas destinadas a alumnos de seis anos*. (REVISTA DO ENSINO, n. 27, 1928, p. 85).

O artigo explica o que seria um teste coletivo e suas vantagens, como seria sua aplicação em sala, descreve regras de execução e como avaliar. Cada teste se compõe de um quadro de figuras e cinco partes ou provas.

Consta um modelo de teste para alunos de seis anos contendo cinco provas com descrição dos exercícios e tempo para execução de cada um deles. No segundo exercício da terceira prova pede-se que o aluno trace um losango igual ao já traçado. Não há explicitamente indicada a relação do exercício com a Geometria ou o Desenho, mas a reprodução do losango certamente diz respeito a esses saberes.

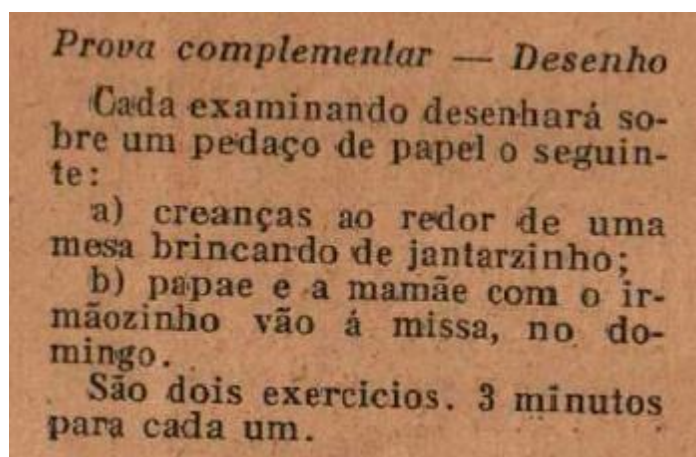
Figura 1: Testes Coletivos/Terceira prova – Compreensão – Juízo



Fonte: Revista do Ensino, Ano IV, n. 27, nov., MG (1928, p. 86). Segundo exercício

O desenho aparece na prova complementar, pede-se dois desenhos: a) crianças ao redor de uma mesa brincando de jantarzinho; b) papai e mamãe com o irmãozinho vão à missa, no domingo. Indica-se 3 minutos para cada exercício. O desenho, que parece ser a mão livre, nos permite concluir que estava ligado à maneira de se expressar do aluno, demonstrando assim traços das ideias *escolanovistas*. O autor do artigo é Julio de Oliveira.

Figura 2: Teste Coletivo/Prova complementar - Desenho



Fonte: Revista do Ensino, Ano IV, n. 27, nov., MG(1928, p. 86)

Ainda nesta revista aparece sob o título de “Do caderno de preparação das lições para o primeiro ano”, o centro de interesse era a alimentação e o assunto da semana a laranja. (REVISTA DO ENSINO, n. 27, 1928, p. 88). Este artigo foi escrito por Maria da Glória Barros, professora da classe Decroly, do grupo escolar Pedro II.

O artigo apresenta modelo de aula para o primeiro ano, possivelmente para o período de uma semana, usando o centro de interesse, pelo qual todas as aulas, de todas as matérias, seriam baseadas no assunto da semana – a laranja. No item observação indica-se uma excursão a uma chácara ou casa de frutas, a partir daí solicita-se a descrição da laranja, sobre sua cor, forma, sabor, etc. Dando continuidade é aproveitado o centro de interesse para as outras aulas de biologia, ortografia, etc. Podemos inferir que tal método utiliza-se dos sentidos (visão, tato, etc) para a construção do saber mostrando assim traços do método intuitivo.

No que diz respeito ao desenho, este vem no item expressão, e pede-se que a criança desenhe uma laranja, a meia laranja, uma penca de laranjas, ambos cópia do natural, o que permite inferir que o desenho estivesse ligado à criatividade, à uma forma de expressão a ser realizada pela criança presente nas ideias *escolanovistas*. Podemos ver traços tanto intuitivos como *escolanovistas*. Aqui o desenho não tem nenhuma ligação com a geometria. Não há menção para o ensino de geometria nessa revista.

Em 1929 foram publicados 6 artigos tratando dos centros de interesse com propostas específicas para o ensino de Geometria ou de Desenho. O primeiro deles apareceu na Revista de número 32 sob o título “Centro de interesse O chocolate” (REVISTA DO ENSINO, n. 32, 1929, p. 44). A autora do artigo é a professora do grupo escolar Barão do Rio Branco da capital, Maria da Conceição Queiroga.

A Revista do Ensino organizou concursos para o professorado mineiro sobre diversos temas e dentre eles constou o de aulas-modelo. O artigo está na seção *Os nossos Concursos* e na subseção *Os trabalhos premiados*, que ocupou o primeiro lugar como aula modelo.

Trata-se de um modelo de aula para o 2º ano primário sem indicação de tempo para aplicação. Contém indicações de como o professor deve ministrar as aulas e como nos artigos anteriores todas as disciplinas são baseadas no assunto do centro de interesse que no caso é o chocolate. Dentro do subtítulo *Expressão* no item *Graphica* aparece o “*Desenho espontâneo sobre o assunto*” (REVISTA DO ENSINO, n. 32, 1929, p. 46). Mais uma vez podemos inferir, pela disposição no texto, que o desenho está atrelado à maneira de se expressar da criança. Aqui também o desenho não apresenta relação com a geometria.

Outro artigo aparece na revista de número 33, sob o título “Centro de interesse: criação de aves domésticas, assunto: o galo” (REVISTA DO ENSINO, n. 33, 1929, p. 57). Tal artigo foi escrito por Fausto Gonzaga, diretor do grupo escolar de Além Paraíba.

O artigo acima foi um dos trabalhos premiados de um dos concursos já citados, como aula modelo sobre qualquer ponto ou matéria do programa primário, ocupando o terceiro lugar. Ele utiliza como já mencionado o centro de interesse: criação de aves domésticas: o galo. Trata-se também de uma descrição de aula que se baseia nesse centro de interesse. No que diz respeito ao desenho pede-se o esboço de um galo, uma galinha, pintos e ovos. Em geometria indica-se ver a oval na seção - linhas, do quadro das figuras geométricas e

construir uma oval no quadro negro. Não há indicação de ano e de tempo para a aplicação da aula, apenas uma nota que sugere o desenvolvimento da mesma conforme a capacidade e a atividade dos alunos e que o modelo pode ser ampliado ou reduzido conforme necessidade. Tal sugestão mostra a influência *escolanovista* que coloca o aluno no centro do ensino.

Ainda nesta revista na *Seção do Centro Pedagógico Decroly* encontra-se sob o título “O abacate” (REVISTA DO ENSINO, n. 33, 1929, p. 63) o modelo de uma aula com centro de interesse: alimentação. Tal artigo foi escrito pela professora Maria da Gloria Barros.

Trata-se de um plano de lição para uma aula da classe Decroly do grupo Barão do Rio Branco da capital contendo instruções nos mesmos moldes dos artigos anteriores. No que diz respeito ao desenho indica-se ilustrar com croquis o caderno de escrita e desenhar abacates, meio abacate, o caroço, o vendedor de abacates, etc. O desenho, assim como em 1928, continua ligado à criatividade e sem ligação com a geometria.

Outro artigo aparece na revista de número 35 na seção *aulas - modelo* e sob o título “*Centro de interesse: o menino e a escola*” (REVISTA DO ENSINO, n. 35, 1929, p. 65). A autora é Maria da Gloria Ferreira da Silva.

Neste artigo, indicado para o primeiro ano primário e sem indicação de tempo para execução, usa-se como assunto: a classe, os utensílios de trabalho, o lápis e o caderno. Como nos outros artigos descreve-se como ministrar a aula com uma sequência de passos já pré-estabelecidos apresentando aos alunos o lápis e caderno e traz como objetivo a aquisição de vocabulário. Com esse assunto do centro de interesse é trabalhado a noções de coisas, higiene, geografia, cálculo, instrução moral, desenho etc. No que diz respeito ao desenho, este vem com a indicação de desenhar no quadro negro o caderno e o lápis e a repetição em pedaço de papel dos mesmos desenhos. Não temos também aqui relação com a geometria e parece que seu objetivo é despertar a criatividade.

Ainda nesta revista e na mesma seção aparece outro artigo sob o título “centro de interesse: a laranja” (Aula de noções de coisas, para o 4º ano primário), por Aracy Noronha. (REVISTA DO ENSINO, n.35, 1929, p. 67- 69).

O artigo apresenta modelos de aulas para o quarto ano, usando o centro de interesse, pelo qual todas as aulas seriam baseadas neste assunto – a laranja. São instruções para o professor elaborar suas aulas. Sendo assim, o professor levaria seus alunos ao pomar se fosse possível; caso contrário, o professor levaria frutas distintas ou desenhos de frutas para a sala de aula. Com isso, através dos sentidos da criança (visão, paladar, tato, olfato) exploraria as qualidades (características) das frutas. Isso serviria a todas as disciplinas. No que diz respeito ao desenho é determinado que se desenhasse um dos frutos estudados na aula. O desenho continua com caráter *escolanovista* ligado a expressão e a criatividade. No que diz respeito à geometria, o professor utilizaria as frutas para se chegar às formas geométricas espaciais. A laranja com a forma esférica, o figo com a forma cônica, a banana com a forma cilíndrica e o abacaxi com a forma piramidal.

Nesta mesma revista, o artigo sob o título “Museu escolar”, o ensino de geometria se desenvolve pelo método intuitivo e não, pelo centro de interesse. (REVISTA DO ENSINO, n. 35, 1929, p. 57-58). Museu Escolar faz referência a um laboratório prático, onde as aulas

poderiam ser melhor adaptadas. Seria o espaço onde o professor utilizaria recursos para tornar suas aulas mais acessíveis à observação dos alunos. Cada disciplina deveria ter materiais específicos à sua área, para um melhor entendimento. Desta forma, o professor conseguiria desenvolver o ensino pelo método intuitivo nas diversas disciplinas. No caso da geometria, o museu deveria ter materiais como: compasso, transferidor, sólidos geométricos, entre outros; ou seja, materiais específicos para desenvolver seu ensino.

É nítida no exame das publicações da Revista a convivência de raízes deixadas pelo método intuitivo com tendências ligadas ao novo, ao *escolanovismo*.

Outro artigo de 1929 aparece na revista de número 38 sob o título “Aula de desenho” para o 1º, 2º, 3º e 4º anos primários com quatro modelos de aulas para cada ano (REVISTA DO ENSINO, n. 38, 1929, p. 94). Trata-se de uma descrição de como o professor deveria ministrar as aulas de desenho, foi escrito por Noemy Queiroz Teixeira.

No 3º e 4º anos é utilizado o chamado desenho do natural onde o professor apresenta um objeto, desenha-o no quadro negro e apaga para que os alunos reproduzam somente olhando o modelo dado ao natural. Depois os erros e imperfeições são indicados pelo professor ou professora para que os próprios alunos os corrijam. Para o 4º ano inicia-se com a apresentação de uma margarida e pede-se que a observem, consta que para facilitar a professora faz o desenho da mesma no quadro negro e apaga-o logo que os alunos comecem a desenhar. Na próxima aula os alunos terminam o desenho e a professora indicava as imperfeições. Após solicita-se, com mais detalhes, o desenho de uma haste de cafeeiro apresentada aos alunos pela professora e na próxima aula faz-se a correção indicando as imperfeições. No 3º ano é iniciado com desenho de meia maçã e na próxima aula o desenho de uma flor simples nos mesmos moldes das aulas para o 4º ano. As duas últimas aulas se diferem dos últimos dois modelos para o 4º ano, onde são utilizados um triângulo e um quadrado de madeira. Para cada uma das últimas aulas é utilizado um objeto solicitando através da observação e da explicação da professora que os alunos desenhassem tais objetos. A professora ensina o processo a partir de linhas auxiliares feitas no quadro negro. Nos 3º e 4º ano percebe-se que à medida que se avança é exigido mais detalhes, diferenças de tamanho, as cores, etc.

No 1º e 2º ano é utilizado o chamado desenho livre onde os alunos podiam desenhar o que quisessem. No 2º ano é indicado que após o término do desenho livre a professora sugira meios de aperfeiçoamento. Em um dos modelos é indicado que os desenhos devem acompanhar o assunto da semana: o café, o que indica, apesar de não ter sido citado anteriormente nos 3º e 4º anos, a presença dos centros de interesse. No 1º ano é indicado que a professora sempre estimule, encoraje e se mostre sempre satisfeita com os desenhos dos alunos. Em um dos modelos é citado que a criança seja encorajada a demonstrar suas qualidades de observação o que indica que o desenho livre, apesar de ser de escolha da criança, deveria ser feito a partir da observação de algum objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos pelas revistas de ensino que as duas disciplinas, principalmente o Desenho, foram muito utilizadas como um meio para que as novas tendências fossem divulgadas e implementadas no sistema de ensino. Os métodos de preparações das aulas organizados de modo a contemplar as novas intenções, com a exploração da prática do aluno, como também da sua espontaneidade e da sua participação ativa na construção do saber. As atividades eram elaboradas para se trabalhar o poder de construção da criança, sendo sempre incentivada, valorizando seus conhecimentos de mundo, do que realmente lhe fazia sentido. Ainda assim, percebemos uma presença de ideias intuitivas em algumas aulas, utilizando a observação de objetos como seu maior instrumento.

O ensino de Desenho fortemente marcado pelo método do centro de interesse de Decroly, como também o de Geometria, sendo este de uma forma mais branda. As instruções para o Desenho inicialmente mostram a valorização do papel do aluno no processo de ensino e aprendizagem, sua maneira de expressar e sua criatividade são valorizadas, visto que o desenho é algumas vezes de sua própria escolha e quando escolhido pela professora é dada a oportunidade de fazê-lo a seu modo. Porém quando as imperfeições são apontadas pelo professor e corrigidas, mesmo que por eles, parte da valorização de sua criatividade é colocada em segundo plano. Parece que na prática todo pensamento decrolyano, de maneira sutil, recai em um ensino onde o professor é o detentor do saber. Podemos perceber que há uma dificuldade em colocar de fato as ideias decrolyanas em prática dentro de sala de aula, o que podemos ver também no relato de um dos artigos é que, na falta de material para se aplicar o método decrolyano, os professores mesclavam o método tradicional com as novas ideias:

(...)os centros de interesse foram mais ou menos ocasionaes.(...) Assim por exemplo, em certa manhã mais fria, depois de chamar a atenção dos alumnos para o frio que fazia, depois de levá-los a dizerem – Eu estou com frio, foi esta frase aproveitada para o ensino da leitura e da escrita. Os alumnos quasi todos traziam camisetas de lã: desenhou-se o contorno de uma.” (MURGEL, Mauricio e CIRIGLIANO, Raphael. Breve notícia de uma tentativa de experimentação pedagógica. (REVISTA DO ENSINO, n. 39, 1929, p.22).

Além disso os modelos não sugerem que os temas dos centros de interesse sejam propostos pelos alunos como preconizava Decroly, pois eram apresentados pelos professores sem a participação ou a escolha dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, S. C. **O ensino de Geometria na formação de professores primários em Minas Gerais entre as décadas de 1890 a 1940.** Juiz de Fora. 2015. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática). UFJF, 2015.
- BICCAS, M. S. **O impresso como estratégia de formação: *Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)*.** Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- CATANI, D. B.; VILHENA, C. P. S. A Imprensa Periódica Educacional e as fontes para a História da Cultura Escolar Brasileira. **Revista do IEB** (Instituto de Estudos Brasileiros), São Paulo, v. 37, p. 177-183, 1994.
- DUBREUCQ, F. **Jean-Ovide Decroly.** Recife-PE: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- FONSECA, N. M. L. **Alda Lodi, entre Belo Horizonte e Nova Iorque: um estudo sobre formação e atuação docentes - 1912-1932.** Belo Horizonte, 2010. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFMG, 2010.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano III, n. 26, out. 1928. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128247>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n. 27, nov. 1928. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134330>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n.32, abr. 1929. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134332>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n. 33, maio 1929. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134335>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n. 35, jul. 1929. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128249>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n.36, ago. 1929. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129719>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n. 38, out. 1929. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128256>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n. 39, nov. 1929. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128267>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- REVISTA DO ENSINO, Minas Gerais, ano IV, n. 40, dez. 1929. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/128264>>. Acesso em: 5 ago. 2016.
- MONARCHA, C. **Brasil Arcaico, escola nova: ciência, técnica & utopia nos anos 1920-1930.** São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação.** v. 14, n.40, p. 143-155, jan./abr. 2009.
- VALDEMARIN, V. T. **História dos métodos e materiais de ensino: a escola nova e seus modos de uso.** São Paulo: Cortez Editor, 2010.